



▲ Lagoa dos Cântaros

Ao passear pela serra da Estrela no cair da noite, um estranho silêncio é notório... os típicos “assobios” que melodiosamente enchiam os nossos ouvidos deixaram de se escutar... inconfundíveis coros do **sapo-parteiro-comum** (*Alytes osbtetricans*) durante a reprodução já não dominam a banda sonora que se fazia sentir nos meses de primavera

Ainda há sapos no topo da serra

Mas esta história já havia começado há um tempo atrás. Estávamos no verão de 2009 e Ibone Anza, estagiária no CERVAS, fazia uma caminhada por entre os trilhos que desbravam a serra. Já ao aproximar-se da lagoa do Covão das Quelhas deparou com o mais devastador dos cenários... a manchar a deslumbrante paisagem glacial, dezenas de pequenos sapos mortos polvilhavam as águas e margens da lago, em pleno coração do Parque Natural da Serra da Estrela. O alerta foi dado de imediato ao investigador espanhol Jaime Bosch do Museu Nacional de Ciências Naturais de Madrid, com vasta experiência neste tipo de casos. As análises

aos cadáveres revelaram uma infeção causada por um fungo, tornando-se este o principal suspeito de tal mortalidade. A quitridiomiose é uma doença provocada por um fungo microscópico, *Batrachochytrium dendrobatidis*, sendo reconhecida, na atualidade, como uma das mais preocupantes ameaças globais ao frágil grupo dos anfíbios. O fungo, que se pensa ter tido origem na África do Sul, ter-se-á posteriormente espalhado pelo resto mundo com a “ajuda” do Homem. Segundo a IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza), este tem o potencial de causar declínios populacionais massivos numa questão de semanas, tendo conduzido já a extinções, não só de populações mas mesmo de espécies, com



Gonçalo M. Rosa



▲ Larva de sapo-parteiro-comum

▼ Sapo-parteiro-comum morto na água



Gonçalo M. Rosa



▼ ▲ Indivíduo adulto de sapo-parteiro-comum



o primeiro caso de infeção na Europa a ser registado em 1997 na serra de Guadarrama, em Espanha.

De acordo com registos e relatórios relativos à década de 90, o sapo-parteiro-comum era uma das espécies de anfíbios mais abundantes na serra da Estrela! Em certos pontos de água na zona do Planalto Superior da serra era possível contar milhares de girinos de grandes dimensões!

Nos dois anos que se seguiram, iniciou-se então uma monitorização em riachos, tanques, lagoas e represas da serra, onde se sabia ter ocorrido sapo-parteiro. O objetivo era perceber a distribuição do fungo na zona e qual o impacto que teria este tido nas populações de sapo-parteiro, olhando para a

atual distribuição e abundância da espécie. Os resultados deste estudo recentemente publicado na revista «Animal Conservation» apontam para um cenário bastante preocupante: hoje em dia os números de girinos encontrados não vão além de uma ou duas dezenas, para os poucos lugares onde ainda é possível encontrá-los. Em poucos anos desapareceram da maioria dos pontos onde habitavam (quase 70%), e o quitrídio terá tido um maior impacto na população dos sapos-parteiros acima dos 1200 metros de altitude.

Este fungo aquático, que se fixa na boca dos girinos e na pele dos pequenos sapos metamorfoseados, têm uma predileção por temperaturas mais baixas, tirando partido dos verões amenos tendencialmente mais longos da serra. Daí se explica também o seu maior impacto a maiores altitudes. Este é considerado o primeiro caso de declínio de uma espécie de anfíbios em Portugal mediado por uma doença. Em poucos anos, o sapo-parteiro-comum criou um vazio no maior “hotspot” de biodiversidade do país, deixando um silêncio pairar durante a época de acasalamento, altura em que machos e fêmeas faziam as suas “cantorias”.

O *Alytes obstetricans* é um sapo bem conhecido pelos cuidados parentais dos machos que transportam os ovos às costas até à sua eclosão (daí o seu nome comum). É nesta altura que se aproximam de um ponto de água para libertar os girinos. Quando por

fim completam a metamorfose, os pequenos sapos saem da água e passam a ter uma vida totalmente terrestre, procurando abrigo debaixo de pedras e troncos.

Os anfíbios desempenham um papel essencial no ecossistema, situando-se no meio da cadeia alimentar. Milhares de girinos invernantes, “grandes e gordos”, numa lagoa representam uma parte considerável da biomassa e são um recurso nutricional para um elevado número de espécies, desde invertebrados a serpentes e aves.

Estes novos dados colocam as populações de anfíbios de altitude, em particular o sapo-parteiro-comum, em estado crítico. Dada a semelhança deste caso com o cenário na serra de Guadarrama, prevê-se que nas zonas mais altas da Estrela a população possa sofrer uma redução ainda maior. Um acompanhamento contínuo no local bem como análises de viabilidade populacional são essenciais. Mais amplamente, o risco que a quitridiomiose manifesta nas comunidades de anfíbios em toda a Península Ibérica representa um desafio crucial para os gestores da vida selvagem e levanta uma necessidade urgente de otimização das estratégias de conservação, que poderá passar por uma componente de reprodução em cativeiro e protocolos de tratamento para indivíduos infetados.

Por **Gonçalo M. Rosa** – CBA-UL, DICE-UK